

ARTIGO ORIGINAL

ENTRE A SOLIDÃO E A SOLITUDE: A VIVÊNCIA DE MULHERES IDOSAS QUE MORAM SOZINHAS

BETWEEN LONELINESS AND SOLITUDE: THE EXPERIENCE OF ELDERLY WOMAN LIVING ALONE

Saulo Machado Cunha¹ Elaine Pedreira Rabinovich²

¹ Graduado em Psicologia. Mestrando em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Email: saulo.cunha@ucsal.br

² Graduada em Psicologia. Pós-Doutora em Psicologia. Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Email: elaine.rabinovich@pro.ucsal.br

Resumo

Buscou-se compreender que condições e significados abarcam uma boa relação das idosas com o fato de residirem sozinhas (solidude) e quais aspectos propiciam sentimentos de solidão. A investigação é qualitativa, de caráter exploratório, delimitada por estudo de casos múltiplos. Foram entrevistadas quatro idosas residentes de Salvador/BA. Conclui-se que os sentimentos de solidão e solidude aparecem mais relacionados aos modos de vida/relações das idosas do que quanto ao fato de morar só.

PALAVRAS-CHAVE

Solidão. Idosas. Morar só.

Abstract

We sought to understand what conditions and meanings embrace a good elderly woman relation with the fact of living alone (solitude) and what aspects propitiate loneliness feelings. This search has a qualitative approach, exploratory, outlined by multiple study cases. Four elderly woman residents of Salvador (Brazil) were interviewed. Feelings of loneliness and solitude are more related with the ways of life/relations than of the fact of living alone itself.

KEYWORDS

Loneliness. Elderly woman. Living alone.

1 Introdução

Desde Beauvoir, "o problema da habitação está ligado ao da solidão" (1970, p. 263). Em capítulo dedicado à situação da velhice naquela época, Beauvoir evidenciou, a partir de diversas pesquisas na Europa e nos Estados Unidos, números intrigantes acerca do sentimento de solidão, condições de isolamento e relações sociais em idosos.

Atualmente, diversos estudos apontam a relação entre a vivência do 'morar só' com os cuidados com a saúde e evidenciam uma urgente demanda para a pesquisa e aprofundamento destas questões, sobretudo pelos crescentes níveis da população de idosos mundialmente (IBGE, 2022; Melo *et al.*, 2016; Negrini *et al.*, 2018; Pimouguet *et al.*, 2016; Steptoe *et al.*, 2013; Bispo, 2014; Almeida *et al.*, 2020).

Com efeito, podemos dizer que a vivência de ‘morar só’, definida aqui como viver em residências unipessoais (Negrini *et al.*, 2016), não produz necessariamente a experiência da solidão. Muitas vezes, viver sozinho é uma escolha, um ato deliberado, portanto nem sempre associada ao sofrimento (Bispo, 2016; Almeida *et al.*, 2020). Nesse sentido, a experiência de ‘morar só’ pode ser vista como uma experiência de solidão, qual seja, sem uma conotação necessariamente negativa (Xavier *et al.*, 2022).

Para Klinenberg (2013), o morar sozinho é uma das grandes mudanças sociais do mundo moderno, podendo-se pensar, a partir disto, nas afetações dessas vivências nos cuidados com a saúde. Segundo ele, ainda não entendemos de que maneira se dá esta afetação pela falta de estudos na área. Além disso, consoante Negrini *et al.* (2018) e Melo *et al.* (2016), novos arranjos e dinâmicas familiares foram evidenciados desde o século passado contribuindo para que cada vez mais idosos morem sozinhos no Brasil. Estudos feitos com idosos em países ocidentais identificam que a solidão e o morar sozinho afetam a qualidade de vida e, inclusive, podem estar relacionados a um maior nível de mortalidade nessas populações (Pimouguet *et al.*, 2016; Steptoe *et al.*, 2013).

Países como Inglaterra (Ddcms, 2018) e Japão (Ryall, 2021) vêm adotando medidas políticas e sociais para o enfretamento da solidão em suas populações. Os chamados Ministérios da Solidão objetivam combater este sentimento ao reconhecê-lo como um dos problemas de saúde mais prementes em seus países. O exemplo do Reino Unido que, em 2018, teve um plano orçamentário somente para este ministério em vinte milhões de libras (Ddcms, 2018, p.6), lançou três objetivos para o enfretamento da solidão: (1) comprometimento para uma melhor compreensão da solidão, suas causas, impactos e o que funciona para seu enfretamento (2) firmar a solidão como política de estado, reconhecendo os amplos fatores que podem exacerbar este sentimento, bem como prestar suporte ao bem-estar e resiliência das pessoas e (3) construir um debate nacional acerca da solidão para aumentar a consciência de seus impactos e o enfretamento do estigma (Ddcms, 2018, p.7). A adoção de políticas públicas voltadas ao tema da solidão, tanto na Inglaterra quanto no Japão, consolida-o como problema social importante na atualidade.

Neste estudo, visamos compreender que condições e significados abarcam uma boa relação das idosas com o fato de residirem sozinhas (solidade) e, da mesma forma, quais aspectos propiciam sentimentos de solidão. Nosso objetivo foi compreender as vivências de idosas que residem sozinhas, em área urbana, no município de Salvador/BA, focalizando aspectos do viver: as relações familiares, as amizades, a relação com o trabalho/aposentadoria, as atividades realizadas, bem como a própria relação com a velhice, buscando verificar em que medida elas se aproximam de uma vivência positiva (solidade) ou de uma vivência negativa (solidão).

Tal compreensão é relevante na medida em que pudemos constatar, a partir de dados do IBGE (2022), que o percentual da população de idosos no Brasil irá dobrar em aproximadamente 24,3 anos, acompanhando o crescimento de 57.4% dessa população em 12 anos.

2 Revisão de literatura

Melo *et al.* (2016) apontam que transformações sociodemográficas, estruturais, e de valores familiares nos últimos anos vêm mudando os arranjos familiares dos idosos no Brasil. Segundo eles, “a decisão quanto ao tipo de arranjo familiar [...] não é somente do idoso e de sua família, mas reflexo de uma série de fatores históricos, socioculturais, políticos, econômicos e demográficos” (2016, p. 150). Desse modo, dinâmicas habitacionais caminham junto às mudanças sociais e, no caso da população idosa, tais mudanças são marcadas principalmente pelos valores da modernidade individualista que levaram os idosos a optarem ou serem induzidos a morarem sozinhos (Negrini *et al.*, 2018).

Um estudo feito por Negrini *et al.* (2018), que analisou dados da Pesquisa Nacional de Saúde em 2013, constatou que a prevalência de idosos morando em domicílios unipessoais é de 15,3% da população de 60

anos ou mais. O percentual cresce entre os ainda mais idosos (75 anos ou mais). Quanto às condições de saúde, o estudo avaliou que idosos que moram sozinhos tiveram um acréscimo de quase um terço na prevalência de doenças nas duas semanas anteriores às entrevistas, comparados àqueles que moram em domicílios com parentes ou outros. Entre as doenças, constatou-se maior perda auditiva, artrite e reumatismo nos idosos que moram sós. No que se refere às atividades diárias, padrão alimentar e comportamento sedentário, o estudo evidenciou um déficit significativo comparado àqueles idosos que moram acompanhados, ou seja, idosos que moram sós têm mais dificuldade em realizar atividades cotidianas, possuem padrão alimentar menos saudável e comportamento sedentário maior. A pesquisa evidenciou, também, que o percentual de mulheres idosas que vivem sozinhas é 29% maior do que o de homens.

Assim, entre os idosos, a maioria são mulheres. Estudos que aproximam a condição de gênero e velhice (Britto da Motta, 2004; 2018) apontam que, com as mudanças ocorridas quanto à questão da mulher na sociedade, idosas têm escolhido morar sós. Para a autora, “essa condição ‘excedente’ não as faz, de saída, candidatas à solidão” (p. 94); o que irá propiciar-lhes essa condição serão os seus modos de vida: “a sua elaboração de gênero enquanto condição social e política desigual, desprivilegiada” (2018, p. 94).

Freitas (2011) ratifica que as mulheres mais velhas sentem níveis maiores de solidão do que os homens, consoante aos relatos encontrados num estudo feito por Scorsolini-Comin *et al.* (2014), no qual idosas afirmaram que o sentimento de solidão pode aumentar com a idade. No entanto, as idosas, neste estudo, ora se referiram à solidão como um sentimento negativo (no sentido de estar só), ora como positivo, sendo uma oportunidade para entrar em contato com atividades individuais prazerosas. De forma unânime, as idosas apontaram a família como principal fator quanto às redes de apoio, bem como identificaram que comportamentos como assistir televisão, conversar e cuidar da casa são recursos para lidar com a solidão. O estudo, por fim, pontua que a solidão não foi colocada como algo significativo ou ligado necessariamente ao envelhecimento.

Na mesma direção, Almeida *et al.* (2022) encontraram em seu estudo com idosos de ambos os gêneros que estes procuram minorar as dificuldades encontradas ao morar sozinhos incrementando o contato com pessoas quer familiares, quer amigos, quer vizinhos.

Quanto à temática da solidão na velhice, Bispo (2014) indica uma ausência de literatura especializada na área, explicando que o tema, devido às representações sociais negativas acerca da velhice (estigmas de decadência e isolamento, por exemplo), “tornou-se um tema mais a ser confrontado do que pesquisado pelos especialistas” (Bispo, 2016, p. 265). Este autor traz definições importantes acerca da temática da solidão na velhice, das quais podemos destacar a “solidão deliberada”, que seria uma escolha baseada num estilo de vida, portanto não necessariamente vinculada ao sofrimento, e, de outro modo, a “solidão acontecida”, sendo aquela em que o sujeito é acometido e que habita o imaginário social como uma experiência geradora de sofrimento, a ser superada e evitada (Bispo, 2016).

Nesse sentido, em mesmo artigo, o autor busca demonstrar a solidão

como uma experiência emocional repleta de vicissitudes e ambiguidades, passível de ser vivida em qualquer etapa do ciclo da vida de uma pessoa e que a idade (seja ela qual for) é, sim, um marcador social da diferença que opera como fator importante certas sensações particulares de solidão (Bispo, 2016, p.266)

No presente estudo, aproximaremos os discursos dos entrevistados serão cotejados junto à vivência da “solidão deliberada”, chamada, aqui, de solidão, ou com a “solidão acontecida”, aqui propriamente dita como solidão.

Em pesquisa feita em Portugal, Freitas (2011) assume que o sentimento de solidão está relacionado às expectativas dos idosos quanto aos contatos sociais, bem como à qualidade destas interações, portanto, um sentimento subjetivo. Assim,

a solidão resulta de fatores situacionais e características pessoais. Nos fatores situacionais pode incluir-se a diminuição de contacto social, o estatuto social em disponibilidade, perda relacional, redes sociais inadequadas, situações novas,

entraves indiretos ao contacto social, fracasso e fatores temporais. (Freitas, 2011, p.24)

Quanto às características pessoais, timidez, introversão ou até mesmo transtornos psicológicos podem tornar o sujeito mais propício a vivenciar sentimentos de solidão. A autora traz distinções importantes acerca da solidão ao dizer que, muitas vezes, este sentimento vem sendo confundido com isolamento, ansiedade e até mesmo depressão, “ao invés de ser reconhecido como um problema distinto” (Freitas, 2011, p. 20). Ainda segundo ela, a solidão diferencia-se do isolamento, “embora o isolamento possa influenciar o aparecimento da solidão” (Freitas, 2011, p.21).

No século XXI, com o prolongamento do tempo de vida em decorrência dos avanços da saúde e a ascensão do modelo econômico neoliberal, que tipo de relação tais idosas assumem para com a sua aposentadoria e/ou trabalho? Aqui, entende-se que o trabalho possibilita o tamponamento do sentimento de solidão, na medida em que o sujeito assimila discursos do aprimoramento de si, da “positivação do mundo” e da sociedade de desempenho (Han, 2017, p. 30).

O objetivo do presente estudo foi analisar, por meio de produções científicas, as pesquisas relacionadas ao uso de dispositivos móveis, por pessoas idosas, entre os anos de 2017 e 2021. Elegeu-se esse período por compreender os anos pré-pandemia e pandemia da COVID-19, de forma a fazer uma discussão se o uso dos *smartphones* variou nesse intervalo. Buscou-se identificar os tipos de dispositivos móveis pesquisados, a metodologia utilizada, a faixa etária dos atores envolvidos, o ano de publicação, o tipo do trabalho produzido e os resultados alcançados.

3 Método

3.1 Delineamento

A presente investigação caracteriza-se por ser qualitativa, de caráter exploratório, utilizando-se como delineamento de pesquisa o estudo de casos múltiplos, como concebem André e Lüdke (1986, p. 19). Este tipo de estudo, segundo os autores, possui diversas características, entre elas: (a) especial atenção a novos elementos que podem surgir durante a pesquisa, ainda que tenhamos, em princípio, um conjunto de pressupostos teóricos que orientaram a pesquisa; (b) relevância do contexto ao qual a pesquisa se desenvolverá, em nosso caso, o contexto socioeconômico de classe média da cidade de Salvador; (c) apresentação da realidade evidenciando suas dinâmicas naturalmente multideterminadas e complexas; e (d) revelação de diferentes perspectivas sobre o fenômeno, que muitas vezes se contradizem.

3.2 Participantes

Inicialmente, planejou-se a pesquisa com participantes homens e mulheres. Todavia, não foram localizados homens que moram sozinhos no município de Salvador. Deliberou-se, assim, a realização da pesquisa somente com mulheres, acessadas por conveniência a partir da rede social dos autores.

Foram convidadas a participar da pesquisa quatro idosas, seguindo os critérios de acessibilidade; residir em bairro de classe média em Salvador/Bahia; ter 60 anos ou mais; e residir sozinha. O critério de exclusão utilizado foi a não aceitação da idosa em participar da pesquisa. Os dados foram coletados por meio de roteiro de entrevista semiestruturado. As informações coletadas podem ser vistas no quadro 01.

Quadro 01 – Perfil dos entrevistados na pesquisa.

Entrevistada	Idade	Etnia	Escolaridade	Ocupação	Bairro	Estado Civil	Renda (salários - mínimos)	Doença(s) Declarada(s)	Mora só há quanto tempo?
1	68	Branca	Superior Incomp.	Aposentada, Atualmente trabalha.	Imbuí	Divorciada	7 a 8	Não	10 anos
2	70	Branca	Pós, Mestrado.	Aposentada, Atualmente trabalha.	Pituba	Divorciada	6 a 7	Não	20 anos
3	60	Parda	Superior Incomp.	Aposentada, Atualmente trabalha.	Barra	Solteira	7	Hipertensão	20 anos
4	67	Branca	Superior Completo	Aposentada, Atualmente trabalha.	Caminho das Árvores	Viúva	20 a 25	Hipotireoidismo e Hipercolesterolemia	40 dias

Fonte: elaborado pelos autores

As idades das entrevistadas se encontraram na faixa etária 60 - 70 anos. Três entrevistadas se autodeclararam brancas e uma parda. Duas não completaram o ensino superior, uma possui pós-graduação na área de arquitetura e urbanismo e outra é graduada em medicina. Todas estão aposentadas, embora continuem trabalhando. Três possuem renda entre 6 e 8 salários-mínimos, enquanto uma entre 20 e 25. As entrevistadas 1 e 2 não declararam doenças, enquanto a 3 e 4 declararam, respectivamente: hipertensão e hipotireoidismo/hipercolesterolemia. Duas moram só há vinte anos, uma há dez e outra há somente quarenta dias.

3.3 Procedimento de coleta de dados

A entrevista com as idosas foi realizada, por conta da pandemia, por ligação de vídeo, através de plataforma digital. Foi garantido o espaço que oferecesse sigilo às participantes. Todas as idosas consentiram em participar da pesquisa, depois de estarem cientes das cláusulas apresentadas no TCLE.

As perguntas dividiram-se em quatro categorias: (1) vivência do morar só, na qual buscou-se, de forma mais direta, evidenciar a vivência das idosas morando sozinhas (2) rede relacional: família, amigos, vizinhança, que investigou as possíveis redes de apoio das idosas (3) trabalho/aposentadoria, espiritualidade e saúde, que procurou esclarecer o cotidiano e a relação com a própria saúde e (4) presente e futuro, onde foram perguntadas as perspectivas de presente e futuro. Esta divisão nos permitiu uma visão ampla da vida das entrevistadas, não atendo-se somente à problemática da solidão e/ou solidude, buscando, dessa forma, explorar as vivências do morar só nessa faixa etária.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Minayo (2012, p. 622) aponta os verbos principais para “análise de dados em pesquisa qualitativa: compreender, interpretar e dialetizar”. Neste estudo, será importante ir do empírico ao interpretativo, na medida em que “predomine a lógica dos atores em sua diversidade e não apenas as suas falas” (p. 624) e que possamos ir além do aparente ao considerar condições históricas e subjetivas.

A partir das transcrições das falas das entrevistadas, foi possível retirar, de cada uma delas, uma frase que melhor representa o que foi dito. Exemplo: a entrevistada de número 1 comenta, quando perguntada do que a levou a morar só, que “aí eles foram casando e hoje eu tô só”. Nesse sentido, a classificação obtida da fala foi *morar só pela saída dos filhos de casa*. O objetivo destas classificações é evidenciar, de forma mais essencial, o relato das entrevistadas. Este tipo de análise foi feito com cada pergunta realizada. Espera-se

discutir tais aproximações e distanciamentos, com a finalidade de indicar conhecimentos sobre a temática, vislumbrando possibilidades de intervenções futuras.

4 Discussão

Os resultados serão apresentados divididos em quatro categorias: (1) a vivência do morar só (2) a rede relacional (3) cotidiano e (4) presente e futuro.

4.1 A VIVÊNCIA DO MORAR SÓ

Quando perguntadas sobre o que as levaram a morar só, as entrevistadas descreveram situações que podem tomar duas direções: a primeira como *contingência*, a segunda como *liberdade*. Por um lado, temos duas idosas (entrevistadas 2 e 3) que *escolheram* morar só e, de outro, duas (entrevistadas 1 e 4) em que a condição do morar só lhes *foi acontecida*. Nesse aspecto, entre as entrevistadas que não fizeram deliberadamente a escolha de morar sozinhas, a entrevistada 1 mora neste formato há dez anos, enquanto a entrevistada 4, somente há quarenta dias (Quadro 01). Na investigação das circunstâncias que levaram a morar só, a entrevistada 1 refere-se aos “filhos que foram casando”; já a entrevistada 4 descreve:

Sozinha mesmo estou há pouco tempo. Eu tive uma secretária do lar que morou comigo 20 e poucos anos. Ela e a filha de 22 anos. A filha ia se formar até em psicologia, tem 4 meses que faleceu de aneurisma cerebral. E a mãe, 3 meses depois faleceu, aqui em casa. Tem mais ou menos 40 dias. Elas moravam comigo. Estou só há mais ou menos isso, 40 dias.

Não emergiu relação entre liberdade e escolha ou entre contingência e acontecida. Neste estudo, as contingências capazes de fazer uma pessoa morar só se fizeram igualmente importantes às motivações daquelas que, por escolha, moram só.

Quando perguntadas sobre “como é morar só?”, as respostas diversificaram-se quanto aos sentimentos vivenciados; a entrevistada 1 relatou que “é a questão do acostumar, você depois que se acostuma a ficar só...”. As entrevistadas 2 e 3 aproximam-se, quando relatam, respectivamente: “me sinto bem, me sinto tranquila” e “eu convivo muito bem comigo mesma”. Já a entrevistada 4, revela que “sempre quis essa experiência de morar completamente só e nunca me senti solitária”. Aqui, cabe pontuar que as entrevistadas em que o morar só aparece como acontecimento divergem quanto às suas vivências: a primeira (entrevistada 1), ao utilizar o verbo ‘acostumar’ para referir-se à sua vivência, não a destaca propriamente como algo ‘positivo’ ou ‘negativo’; já a segunda (entrevistada 4) demonstra pleno desejo de morar só, e que agora tem a oportunidade de realizá-lo. Vê-se que as entrevistadas 2 e 3, que escolheram morar só, sentem-se bem consigo mesmas. Ademais, as descrições oferecidas a partir desta pergunta puderam revelar um ponto de encontro nos discursos que diz respeito ao envolvimento com as atividades do dia a dia, ponto que discutiremos mais adiante.

“O que você costuma fazer em casa?” foi uma das perguntas que se seguiram. As respostas a essa pergunta encontram-se no cotidiano de cada uma das entrevistadas: assistir televisão, ler e tarefas domésticas aparecem de forma geral. Destaca-se a fala da entrevistada 2: “Às vezes não gosto de fazer nada. Apreciando o ócio, o ócio contemplativo. É ótimo. Acordo a hora que eu quero, se quiser tomar café tomo, se não, não tomo café”. Reafirma, assim, a sua colocação do morar só como liberdade. Quando perguntadas se, neste momento da vida, gostariam de morar com mais alguém, responderam, de forma unânime, ‘Não’.

A partir do relato das entrevistadas, vemos que a vivência do morar sozinha se relaciona com o que Bispo (2016) pontua como ‘solidão deliberada’ e ‘solidão acontecida’. O que se destaca, no entanto, é que a ‘solidão acontecida’ como apresentadas pelas idosas 1 e 4 não é vista em sua forma negativa, ou seja, como vivência geradora de sofrimento. Ao contrário, no que se refere ao relato da entrevistada 4, vimos que tal acontecimento favorecera seu desejo de morar só. Com a entrevistada 1, de outra maneira, em que medida

o 'acostumar-se' com o morar só foi uma experiência inquietante ou trivial? Sugerimos, assim, que não é possível, neste momento, afirmar que a entrevistada vivenciou algo como a solidão no processo de 'acostumar-se', ou se lhe foi uma experiência sem inquietações.

Freitas (2011) destaca a importância de características pessoais que propiciam ao sujeito maior possibilidade de vivenciar sentimentos de solidão. Neste ponto, veremos, quando tratarmos da rede relacional da entrevistada 1, que características pessoais próprias podem apresentar maior probabilidade de vivenciar sentimentos de solidão.

Com relação à 'solidão deliberada', fica evidente nos relatos das entrevistadas 2 e 3, que esta escolha aponta para um estilo de vida no qual se sentem 'livres', 'ampliando horizontes', 'bem' e 'tranquilas', concordando, assim, com a conclusão do estudo de Xavier *et al.* (2022) de que o desejo não tem idade, qual seja, de que sempre se pode iniciar algo novo.

Capitanini (2000, p. 20) em extensa revisão de literatura acerca da solidão, mostra que o modelo de compreensão predominante desse tema, em psicologia, é o cognitivo, sendo que, nessa perspectiva, o sentimento de solidão pode ser vivenciado de acordo com a diferença entre o que a pessoa deseja e o que tem, efetivamente, em termos de relações sociais e afetivas. Desse modo, faz-se fundamental a investigação sobre a rede relacional e afetiva das idosas que moram sós, na tentativa de contextualizá-las quanto às próprias vivências e sentimentos que emergem com o morar só.

Buscou-se evidenciar as relações do morar só com o sentimento de solidão e/ou solidude, a partir das perguntas que trataram do tema de forma direta. No entanto, a fim de que se pudesse ampliar suposições acerca de tais sentimentos, os tópicos que se seguem tentaram compreender como se dá a relação destas mulheres idosas com a sua rede relacional (família, amigos, vizinhos), com o cotidiano (trabalho, aposentadoria), bem como as relações com a própria saúde e perspectivas de futuro.

4.2 REDE RELACIONAL: FAMÍLIA, AMIGOS E VIZINHANÇA

Rede relacional foi aqui compreendida como os membros da família, os amigos e a vizinhança. Pediu-se às entrevistadas para que descrevessem como é a vida familiar. As respostas foram variadas. A entrevistada 1 comenta que, com as ferramentas de internet e comunicação, é possível participar da vida familiar, apesar da pandemia e da distância. A entrevistada 2 relata sua proximidade com a filha "[...] toda semana antes de pandemia ou não, eu vinha e dormia na casa dela com meu neto mais velho porque ela dava plantão" e, no que se segue, evidencia uma função de apoio à filha. O relato apresentado pela entrevistada 3 demonstra um ponto importante para este estudo na medida em que revela o impasse de sua relação familiar metaforizada no contexto atual pandêmico:

Sempre fui muito família. E sempre procurei ajudar a todos. Mas, é até uma intimidade isto, é muito pessoal, mas no Natal de 2019, a minha irmã aprontou uma comigo e jogou minha família contra mim, e isso me afastou muito. Eu... não quis falar isso antes, quando você perguntou como era morar sozinha, principalmente quando eu falei da pandemia, porque, na minha cabeça, a minha pandemia chegou antes dessa daí chegar. Isso pra mim, me afetou muito. Eu tive muita dificuldade, eu tive de procurar ajuda de um profissional, uma psicoterapeuta, que ela me ajudou muito. Mas eu fiquei muito mal, agora já estou administrando bem.

Vemos que a entrevistada compara sua vivência de morar sozinha à pandemia. No entanto, 'pandemia' parece assumir outro sentido, apontando para algo anterior à própria experiência coletiva de pandemia. Entende-se que, não por acaso, a entrevistada utiliza-se da experiência coletiva para falar da sua vivência singular, cabendo, então, investigar quais possíveis sentidos assume a palavra 'pandemia' em seu relato. Nesse sentido, 'pandemia' revela o rompimento radical com vínculos sociais importantes, em seu caso, a família, e assume aspectos do 'isolamento' hoje vivenciados de maneira global. Logo, uma "pandemia [que] chegou antes", associada à vivência do morar só, parece revelar, ainda que por um momento em sua vida, o sentimento tratado neste estudo: a solidão. O fato de morar só, por si, não foi capaz de tornar a vivência da

entrevistada 3 uma vivência de solidão e, sim, a vivência associada ao rompimento com uma rede relacional importante: a família. Por fim, a entrevistada procurou amparo profissional para lidar com seus sentimentos naquele momento e isto lhe foi de grande ajuda.

A entrevistada 4 salientou que “graças a Deus, eu consegui construir esse núcleo familiar bem unido”, ao referir-se às suas filhas e genros como “muito ligados” entre si e em relação a ela.

O relato das entrevistadas referentes às amizades pôde revelar características pessoais de cada uma delas. Duas entrevistadas (2 e 3) mostraram-se mais sociáveis ao revelarem uma multiplicidade de vínculos, como, por exemplo, descreve a entrevistada 2: “São amigas que você não escolhe, elas aparecem [...] outras amigas todas que eu tenho. Tenho várias, amigas e amigos. Adoro festa, adoro carnaval”. De forma similar, a entrevistada 3 diz:

São amigos da vida mesmo que a gente vai cultivando. E são todos amigos de muitos anos. Tem também amigos mais novos, mas eu continuo tendo contato com os mais antigos. Ou melhor, os outros também eu tenho [...] eu não posso reclamar muito não (risos).

De outra maneira, as entrevistadas 1 e 4 revelaram-se mais reservadas. Relata a entrevistada 1: “aqui em Salvador, mesmo meu círculo de amizades é só mesmo dentro do trabalho”. Quando instigada a falar de atividades que faz com estes amigos, a entrevistada expõe que são poucas as atividades e parece assumir certa impessoalidade, complementando: “então eu sou uma pessoa assim, sou muito de ... saber limite... de impor limite é comigo mesmo”. A entrevistada 4 apresenta que, com a pandemia, não se encontra com os amigos devido ao fato de ser criteriosa com o isolamento social. Contudo, quando perguntada acerca da manutenção destes vínculos em redes sociais, responde: “pelo *Whatsapp*, com amigas assim... mas não é muito. Porque eu não tenho nem muito tempo de ficar no *Whatsapp*. Como lhe falei, tem dias que eu trabalho em três lugares. Até na hora do almoço”.

Quando perguntadas acerca da relação com a vizinhança, todas as entrevistadas relataram poucas interações e uma convivência ‘de vista’, como bem retrata o relato da entrevistada 1:

Aqui no prédio são 12 andares, 4 por andar, e muita gente... e eu só conheço de vista alguns. A minha vizinha de porta aqui, uma só, é a que mais me identifico, ela tem netos e tal e as vezes a gente troca alguma coisinha de cozinha etc. Mas também não sei como é a casa dela, além da sala.

Os relatos das entrevistadas apresentam diferentes formas de vínculos referentes à família. As idosas 2 e 4 evidenciam fortes vínculos com o núcleo familiar mais próximo (filhas e netos), afirmando participarem ativamente das relações, notando-se a reciprocidade nessas relações: tanto elas têm o suporte da família, quanto *oferecem tal apoio*, como, por exemplo, a entrevistada 2 que relata a ajuda prestada ao cuidar do *neto*.

O rompimento com a família, no caso da entrevistada 3, causou-lhe um forte impacto. Dentre as formas que ela encontrou para lidar com o sentimento vivenciado naquela ocasião, além da ajuda profissional, foi a multiplicidade de vínculos sociais, em seu caso, as amigas “de muitos anos” e “as mais novas”. Tal multiplicidade denota o papel *ativo* na manutenção das interações sociais, inclusive na criação de novos vínculos, em seu caso, as amigas, contradizendo assim as teorias que pretendem atribuir o afastamento social a uma condição normativa ou ‘natural’ da velha idade.

Por muito tempo, pesquisas indicaram a velhice como o momento mais propício para o vivenciar de sentimentos de solidão, justificando-se que esta etapa da vida é marcada por certo tipo de ‘isolamento estrutural’ intrínseco, expresso por influentes teorias da gerontologia que associam a senilidade ao afastamento social e que, portanto, desconsideram marcadores importantes como a saúde física e a própria rede relacional (Capitanini, 2000, p. 32). Tais concepções de uma senilidade passiva vêm sendo revisitadas a partir dos anos 90, e pesquisas mais recentes emergem na tentativa de contextualizar a velhice evidenciando seus marcadores sociais e papel ativo destas populações a fim de trocas recíprocas para com a sociedade.

Assim, os vínculos estabelecidos em qualquer etapa da vida são capazes de oferecer suporte em “formas de apoio, ajuda, proteção, cuidado ou acompanhamento instrumental, econômico, social, físico e emocional” (p. 34).

No caso da entrevistada 1, emergiram características de personalidade da entrevistada quanto ao “saber impor limite é comigo mesmo”, quando perguntada quanto às amizades. Até mesmo neste ponto entende-se que a prerrogativa normativa do afastamento é colocada em xeque, pois a idosa em questão assume de forma atuante uma maneira própria de participar da vida social. Quanto às relações com a família, mostra-se também participativa, apesar da distância.

Por unanimidade as relações com vizinhos mostraram-se escassas. Algumas questões emergiram: em que medida o tempo morando em um mesmo lugar é capaz de gerar laços? De que forma a proximidade habitacional está relacionada à capacidade de criar vínculos? Para compreendermos alguns aspectos destas questões é incontornável a discussão acerca dos novos modos de subjetivação da sociedade contemporânea que marcadamente vem sendo implicada por valores individualistas, com lógicas próprias referentes à alteridade. A vizinhança, por ser a possibilidade de contato físico mais iminente, podendo, então, constituir-se como forte componente de apoio quanto à rede relacional, mostrou-se restrita às relações superficiais e cabe aqui delinear este ponto a fim de provocar investigações futuras.

Scorsolini-Comin *et al.* (2014), indicaram, em estudos com mulheres idosas, que a família se constitui como principal componente quanto à rede de apoio. Nessa investigação duas idosas (2 e 4) apontaram expressivamente a família nesse lugar determinante. De forma outra, as amizades ocuparam valor significativo nas entrevistadas 2 e 3. Em extensa revisão de literatura realizada por Capitanini (2000, p. 39) acerca da rede de relações sociais na velhice, aponta que os autores Antonucci (1985) e Antonucci e Akiyama (1987), afirmam que a rede de suporte social das mulheres tende a ser maior do que a dos homens, mas que isso implica não necessariamente uma melhor qualidade nas interações, mas também maior possibilidade de estresse causado pelos membros da rede.

Conclui-se que o papel ativo das idosas em suas redes de relações sociais – até mesmo na limitação destas, como no caso da entrevistada 1 – é fator chave para compreensão de que, nesta etapa da vida, é possível participar da vida social, inclusive pelo uso de plataformas virtuais.

4.3 COTIDIANO: TRABALHO/APOSENTADORIA, ESPIRITUALIDADE, SAÚDE

Apesar das entrevistadas estarem aposentadas, todas continuam trabalhando. Mesmo a entrevistada com mais idade (entrevistada 2, 70 anos), continua envolvida em projetos, afirmando possuir um grupo de trabalho/estudo com duas pessoas muito mais jovens, que gosta de “dividir com pessoas, aprender coisas novas e participar”, além de pontuar uma necessidade em relação ao trabalho “mesmo que isso não signifique um lance de grana muito interessante”.

De forma muito similar, a entrevistada 1 comenta:

Não tenho dificuldade de aprender, não tenho medo de aprender nada no trabalho, gosto de trabalho, se me tomar pra ficar lá o dia inteiro eu fico, se for pra ficar um pedaço da noite eu fico, sempre fui assim. Se tiver a necessidade de ficar eu fico, sem remuneração, com remuneração, sem nada, do jeito que for... eu tô lá pra servir então...

A entrevistada 3 relata que se programou para a aposentadoria ao fazer um curso de *Personal Organizer*; trabalho autônomo que desenvolve atualmente. Quando solicitada a descrever a relação com este trabalho, comenta: “Eu gosto. Sempre gostei de organizar e sempre fui muito organizada. E sempre gostei de decoração, dessas coisas, então pra mim foi muito bom. Mas tem dia também que quero ficar à toa. E devido à aposentadoria eu posso me dar esse luxo.”

Com a entrevistada 4, ficou marcante, desde o início da entrevista, que o trabalho cumpre papel central em sua vida e que ela se organiza em torno deste. Para ela, a aposentadoria: “deu mais chance de ter outros trabalhos. Eu fiquei com espaço para trabalhar em outros locais”. Relata, ainda, que trabalha em cinco lugares, de segunda à sábado, muitas vezes até à noite.

Quanto ao cotidiano das entrevistadas, pôde-se revelar pontos comuns: caminhadas, práticas como pilates e meditação apareceram intercaladas aos afazeres do trabalho. Atividades como assistir TV, ler, e participar de grupos de estudo também foram relatadas. É interessante notar que a vivência do ócio é relatada somente pela entrevistada 2, quando diz: “às vezes, gosto de fazer nada. Apreciando o ócio, o ócio contemplativo.”

Os relatos das idosas em relação ao trabalho aparecem ligados a uma necessidade de produzir, apesar da aposentadoria. Sabe-se que manter-se ativo para com a vida, envolvendo-se em atividades, trabalhos, grupos de estudos, por exemplo, é fato importante para que sentimentos como solidão e/ou abandono tenham menos chances de emergir. Colocado dessa forma, podemos pensar que, no caso das entrevistadas, manter-se em movimento diminui suas possibilidades de sentir solidão, o que não significa, necessariamente, que estejam próximas a uma vivência de solidão. O que se vê é um cotidiano que se impõe.

As idosas *desejam* manter-se trabalhando, ainda que isso não envolva remuneração. Infere-se que esse envolvimento é mais uma forma de se manterem ativas para com a vida ao estarem dispostas a aprenderem coisas novas e se relacionarem com pessoas, como visto nos relatos.

Ainda no tema do cotidiano, viu-se que a espiritualidade faz parte da vivência das entrevistadas. Todas as entrevistadas apontaram caminhos interessantes ao pensarem a própria espiritualidade. Relatam que, de origem católica, com o passar do tempo aprenderam a ver os dogmas da igreja de outra maneira, como bem coloca, por exemplo, a entrevistada 2:

Estudei em colégio religioso. Agora claro que com o tempo você muda algumas posturas, por exemplo, dogmas, que a igreja vê de um jeito e você vê de uma maneira um tanto quanto particular. Mas sou, vou a missa, acredito. E a espiritualidade está dentro de mim.

Três entrevistadas (1, 3 e 4) afirmaram possuir relação com o espiritismo, apesar de reconhecerem influências da religião católica em suas vidas. Em específico, a entrevistada 1 relata que participa de grupo estudo vinculado à doutrina espírita.

Capitanini (2000, p. 83), em estudo exploratório sobre solidão em mulheres brasileiras que vivem sós, afirma que a adaptação ao morar só está “fortemente associada à adoção de recursos compensatórios relacionados à espiritualidade e envolvimento social”. Foi possível identificar que práticas espirituais/religiosas favorecem o sentimento de bem-estar subjetivo e satisfação com a vida. Almeida et al. (2022) também encontraram a espiritualidade e o desejo de transcendência como uma das categorias de análise de seu estudo.

De forma semelhante, em nosso estudo, a espiritualidade aparece como mais uma estratégia ligada à vivência cotidiana que propicia o afastamento do sentimento de solidão, na medida em que a participação, o estudo e as crenças ligadas à própria espiritualidade permitem que elas atribuam sentido a um todo da qual elas fazem parte.

Quando perguntadas sobre como se sentem acerca da própria saúde, as entrevistadas relatam sentir-se bem, como demonstra a entrevistada 2: “não tenho problemas de saúde na verdade [...] eu já não tenho certas questões de saúde que às vezes as pessoas da minha faixa etária têm”. Quanto ao uso de medicação constante, a entrevistada 1 relatou fazer uso de ansiolítico desde o começou da pandemia, diz: “eu tomo ansiolítico. Por conta da pandemia o negócio apertou... fui lá em doutor fulano... ‘Dr. Fulano, eu tô com pânico pelo amor de Deus’”. A entrevistada 3 também revelou uso de ansiolítico “para dormir”.

Como apresentado na revisão de literatura, a saúde é marcador fundamental quando vinculada à vivência do morar só (Klinenberg, 2013). Idosos que apresentam comorbidades incapacitantes, ou que necessitem de cuidado diário dificilmente encontram-se morando sós. Para os entrevistados por Cassol *et al.* (2023), enquanto a solidão foi compreendida como falta de companhia, a depressão foi vista como potencializadora da solidão, com consequências, portanto, na área da saúde.

Em nossa pesquisa, as idosas, além de manterem-se realizando atividades cotidianas, praticam atividade física como caminhadas e pilates. As entrevistadas 1 e 2 afirmaram não ter doenças declaradas. A entrevistada 3 relata hipertensão, e a entrevistada 4 possui hipotireoidismo e hipercolesterolemia. Ademais, todas as idosas mostraram-se preocupadas em relação à própria saúde, afirmando manter exames rotineiros em dias, estarem atentas à alimentação e às atividades físicas.

4.4 PRESENTE E FUTURO

Neste ponto, vislumbrou-se o que as entrevistadas consideram de importante em suas vidas atualmente, e quais são seus planos para o futuro. A entrevistada 1 diz que “o que nutre a gente é uma companhia boa, que temos certeza que está ali com a gente” e considera, também, que a saúde e a presença da espiritualidade são importantes para ela. De forma similar, a entrevistada 4 considera que, atualmente, o apoio a suas filhas é, além de importante, algo que lhe dá prazer. Ressalta, também, a saúde como ponto significativo. Em relação ao futuro, diz que a pandemia “atrapalha um pouquinho porque a gente deixa de fazer planos” e que, com o passar do tempo “a gente chega num ponto que não faz mais questão de muita coisa não...”.

A entrevistada 2 relatou aspectos interessantes, dizendo estar “aberta para vida” e que é “um pouco de bem com a vida”. Quanto ao futuro, relata:

esse projeto que temos lá da ONG, eu tenho muito interesse de acontecer. Quero ver acontecer, eu quero que os meninos caminhem nesse processo e eu também. Quero voltar a estudar inglês [...] isso pra mim é fundamental. Quero continuar fazendo essas coisinhas que eu faço... viajar, fazer amigos, viver coisas interessantes tanto na minha vida como na vida dos meus filhos e dos meus netos, tenho 4 netos. Então, isso é muito bom.

A entrevistada 3 revela ser muito grata para com a vida e considera todas as coisas que lhe acontecem importantes, expandindo, desta forma, o presente a qualquer futuro possível.

5 Considerações finais

Buscou-se compreender que condições e significados abarcam uma boa relação das idosas com o fato de residirem sozinhas (solidude), e quais aspectos propiciam sentimentos de solidão. Mostrou-se que o morar só como acontecimento contingencial não implica necessariamente uma vivência geradora de sofrimento (entrevistadas 1 e 4), assim como o morar só como escolha não corresponde à uma vivência de solidude (entrevistada 3). A entrevistada 3, que escolheu morar só, somente vivenciou sentimentos de solidão quando privada da relação com a família. De forma contrária, a entrevistada 4, que mora só devido a um acontecimento contingencial (morte da secretária do lar), revela satisfazer um desejo antigo quanto ao morar só. Ou seja, a vivência do morar só, em si, não determina a vivência de sentimentos de solidão e/ou solidude, nem circunscreve a faixa etária aqui estudada.

Cabe colocar que, ao mesmo tempo em que a produtividade cotidiana é capaz de dar sentido à vivência destas idosas, o imperativo da produtividade moderna também é capaz não só de tensionar afazeres que não possuem o fim último da produtividade e do trabalho, como também de tamponar vivências e sentimentos que se revelam a partir de uma existência que aparece desnuda.

Os afazeres domésticos, a relação com a família e amigos, a espiritualidade e principalmente o trabalho, são recursos que correspondem à vida ativa na idade tardia e que possuem capacidade de manter afastadas

possíveis vivências de solidão. Certamente, a disposição para realização de tais recursos mostram ser possíveis num contexto de boa saúde e de classe média, sem os quais aspectos destes recursos estariam prejudicados.

No entanto, temos de salientar que as entrevistadas pertencem a um segmento social homogêneo, de mulheres de classe média e aposentadas, em que não se pode estudar vivências decorrentes de situações de vulnerabilidade. Assim, indicadores de vida específicos ao contexto socioeconômico e cultural brasileiro não puderam ser apontados. Nesta direção, estudos que diferenciem solidão de solidão segundo impactos psicológicos, sociais, culturais e socioeconômicos de outros contextos específicos ao Brasil necessariamente encontrariam resultados complementares e diversos dos aqui apresentados.

Conclui-se que os sentimentos de solidão e solidão aparecem mais relacionados aos modos de vida e de relações das idosas do que quanto ao fato de morar só em si. A entrevistada em que o sentimento de solidão apareceu mais forte devido ao rompimento com a família teve recursos suficientes para o enfrentamento da solidão. Consoante estudos como o de Scorsolini-Comin *et al.* (2014), a solidão não aparece como algo significativo e intrinsecamente ligada ao envelhecimento. Foi possível identificar sentimentos de solidão na medida em que as idosas relataram conviverem muito bem consigo mesmas.

Novos estudos poderiam explorar a relação de mulheres idosas com o morar só em contextos em que o trabalho não apareça tão atrelado ao cotidiano – como, por exemplo, em mulheres idosas numa faixa etária acima das aqui estudadas – aprofundando a utilização de recursos que não abarquem o campo da produtividade, bem como investiguem tais afetações em outros contextos socioeconômicos e culturais. Sugere-se também estudos longitudinais que acompanhem as mudanças na vivência de morar sozinha ao longo do tempo, abrangendo outras classes sociais, assim como problematizar a dificuldade em encontrar homens idosos morando sozinhos, como pretendia este estudo.

Referências

Aguiar, W. M. J., & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R. bras. Est. pedag.** Brasília, v. 94, n. 236, pp. 299-322. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNjkqq4zjP/?format=pdf&lang=pt>>. Epub 28 Jun 2013. ISSN 2176-6681.

Almeida, P. K. P. d. & Sena, R. M. d. C. & Pessoa Júnior, J. M. & Dantas, J. L. d. L. & Trigueiro, K. G. & Nascimento, E. G. C. d. (2020). Vivências de pessoas idosas que moram sozinhas: arranjos, escolhas e desafios. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 23, n. 5. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-22562020023.200225>>. Acesso em 15 abril 2024.

Britto da Motta, A. (2004). Sociabilidades Possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, C. E., (Org). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.109-144.

Bispo, R. (2015). Retratos da solidão: sofrimentos e moralidades femininas na velhice. **Sociedade e Cultura**, [S. l.], v. 17, n. 1. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/36874>>.

Capitanini, M. E. S. (2000). **Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em idosas vivendo sós**. Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Carmona, C. F. & Couto, V. V. D., & Scorsolini-comin, F. (2014). A experiência de solidão e a rede de apoio social de idosas. **Psicologia Em Estudo**, v. 19, n.4, 681–691. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-73722395510>>.

Cassol, P. B. & Garcia, E. L. & Lima, S. B. d. (2023) Envelhecimento e solidão: narrativas de idosos não institucionalizados. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 97, n. 1. Disponível em <<https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/aarticle/view/1442/1626>>. Acesso em 15 abril 2024.

Department for Digital, Culture, Media and Sport (DDCMS). (2018). **A Connected Society: a strategy for tackling loneliness**. London. Disponível em: [DDCMS Loneliness Strategy \(publishing.service.gov.uk\)](https://publishing.service.gov.uk). Acesso em 16 junho, 2021.

Freitas, P. da C. B. de. **Solidão em Idosos: Percepção em Função da Rede Social**. (2011). 92 p. Dissertação. Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, Faculdade de Ciências Sociais. Disponível em: [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8364/1/SOLIDÃO EM IDOSOS.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/8364/1/SOLIDÃO%20EM%20IDOSOS.pdf)

Han, B. *Sociedade do cansaço*. (2015). Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes. 80 p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais cresceu 57% em 12 anos. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em <<https://agencia.de.noticias.ibge.gov.br/agencia.noticias/2022-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-cresceu-57-4-em-12-anos>>.

Klinenberg, E. (2016). Social isolation, loneliness, and living alone: identifying the risks for public health. **Am J Public Health**. v. 105, n. 5, p. 786-7. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4985072/>>.

Lüdke, M. & Meda, A. (1986). **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU.

Melo, N. C. V. de. *et al.* (2016). Household arrangements of elderly persons in Brazil: analyses based on the national household survey sample (2009). **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 139-151. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232016000100139&lng=en&nrm=iso.

Minayo, M. C. de S. (1998). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. (5. ed). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

Minayo, M. C. de S. (2017). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 17, n. 3, pp. 621-626. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>>.

Negrini, E. L. D. *et al.* (2018). Quem são e como vivem os idosos que moram sozinhos no Brasil. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 5, p. 523-531. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232018000500523&lng=en&nrm=iso .

Pimouguet, C. & Rizzuto, D. & Schön, P. & Shakersain, B. & Angleman, S. & Lagergren, M. *et al.* (2016). Impact of living alone on institutionalization and mortality: a population-based longitudinal study. **Eur J Public Health**. v. 26, n. 1, p. 182-7. Disponível em: <https://academic.oup.com/eurpub/article/26/1/182/2467054>.

Ryall, J. (2021, abril 23). Japan: Minister of loneliness tackles mental health crisis. **DW**. Disponível em: [Japan: 'Minister of loneliness' tackles mental health crisis | Asia | An in-depth look at news from across the continent | DW | 23.04.2021](https://www.dw.com/en/japan-minister-of-loneliness-tackles-mental-health-crisis/a-57111111). Acesso em 16 junho, 2021.

Stephoe, A. & Shankar, A. & Demakakos, P. & Wardle, J. (2013). Social isolation, loneliness, and all-cause mortality in older men and women. **Proc Natl Acad Sci**. USA. Berkeley, v. 110, n. 15, p. 5797-801. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/110/15/5797>.

Xavier, W. F. & Lins, E. O. L. & Nóbrega, K. M. B. d. Velhice e a solidude do desejo: relato de experiência. (2022). **CIEH, IX Congresso Internacional de Envelhecimento Humano**. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cieh/2022/TRABALHO_COMPLETO_EV179_MD1_ID30_TB83_1508202223842.phf>. Acesso em 10 junho 2023.

Submissão: 17/09/2022

Aceite: 20/05/2024

Como citar o artigo:

CUNHA, Saulo Machado; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Entre a solidão e a solidude: a vivência de mulheres idosas que moram sozinhas. **Estudos interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 29, e127233, 2024. DOI: 10.22456/2316-2171.127233

